

# PINTURA AO AR LIVRE

Uma visão panorâmica da pintura de paisagem

Por

Sandra Nunes  
[www.sandranunes.com](http://www.sandranunes.com)

Segunda Parte

À memória dos companheiros de pincel  
e andanças pelas  
ruas do Rio de Janeiro  
Samuel e Enerino Mendes

JANEIRO/2008

## A Pintura ao Ar Livre no Brasil

A responsabilidade do ensino formal de artes no Brasil coube à Missão Artística Francesa (1818-20), oriundos do velho mundo com rígida formação **neoclássica**, trazem para o Brasil o ensino acadêmico de artes que lá vigorava. A motivação da vinda destes artistas para o Brasil é controversa. De qualquer forma havia uma troca de interesses por parte de D. João VI e os artistas franceses aliados de Napoleão Bonaparte que àquela altura dos acontecimentos políticos na Europa já não se sentiam seguros por lá.

O projeto deste ensino foi de autoria de **Joachim Lebreton**, encontrando séria resistência por parte dos artistas portugueses e brasileiros que já trabalhavam aqui e não eram simpáticos a estes “refugiados” europeus. Com a morte de Lebreton e nomeação do português Henrique José Silva (1772-1834) para o cargo de diretor da Academia, a instabilidade incomoda os franceses que decidem voltar para a Europa. Alguns que aqui ficaram continuam pintando nossas paisagens que aos poucos vai tomando ares cada vez menos neoclássicos. Percebemos na pintura de alguns destes pintores que aqui permaneceram um crescente distanciamento dos padrões importados e a apresentação de luz e uma natureza exuberante.

Na Academia Imperial de Belas Artes a cadeira de paisagem seguia baseada principalmente em **cópias de paisagem Européias**, os Salões de pintura eram aqui realizados regularmente premiando os artistas com bolsas de estudo na Europa. O destino destes artistas (com prêmios viagem, bolsas concedidas pelo Imperador ou por conta própria), era normalmente a Itália embora a França fosse o local ideal para ver as novidades anuais dos Salões que davam uma idéia geral do movimento artístico de todos os países.

Em 1870 chega ao Brasil oriundo da Alemanha, **Georg Grimm** (1846-1887) que viaja pelo interior do Brasil pintando as fazendas de café e faz uma exposição exuberante destes trabalhos no Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, são obras impactantes se comparadas às pinturas até então produzidas aqui. O pintor é então convidado pelo Imperador a ministrar aulas na **Academia Imperial de Belas Artes** na cadeira que então era denominada “Paisagem, Flores e Animais” em substituição a Vitor Meirelles. Revolucionando desde o início o ensino de paisagem, Grimm leva seus alunos a pintar ao ar livre, insiste em que façam exaustivos estudos do natural o que proporciona ao artista maior liberdade de expressão.

Tal metodologia contrariava totalmente o ensino oficial<sup>1</sup> e Grimm não renova seu contrato com a AIBA, retira-se e abre um atelier em Niterói sendo seguido por seus alunos na época que revolucionariam a pintura de paisagem no Brasil.

Em 1890 o **ensino de paisagem chegou a ser suspenso** na Academia e os professores se negavam a levar os alunos a pintar ao ar livre. Enquanto isto o grupo de Grimm cresce com seus alunos que praticam exaustivamente do natural despontando como seus expoentes máximos os nomes de Castagneto e Antonio Parreiras.

---

<sup>1</sup>Segundo alguns autores, **Zeferino da Costa** já havia tentado levar seus alunos da AIBA a fazer estudos do natural há alguns anos, mas tal iniciativa não encontrou apoio e não teve sucesso

## O Grupo Grimm

Sem dúvida a importância da pintura de paisagem como gênero autônomo no Brasil está ligada a Georg Grimm. O grupo orientado por ele era formado pelos pintores: Antônio Parreiras, Garcia y Vasquez, Joaquim José da França Júnior, Francisco Ribeiro, Giambattista Castagneto, Hipólito Boaventura Caron, Estevão Silva e o alemão Thomas Driendl, que por vezes o substituiu. Quem eram estes artistas?



Paisagem Montanhosa Brasileira- Georg Grimm

*..."Grimm sujeitava seus discípulos a um regime rude de trabalho sem repouso. Fazia-os subir a mais escabrosa rocha, viver em plena floresta, contornar mesmo com risco de vida a mais íngreme montanha...E ele a esses perigos e trabalhos também se sujeitava a sua vez, pintando à sombra de seu chapéu de campo, que rutilava ao sol, abrindo no verde da folhagem uma nota branca e vibrante"<sup>1</sup>*

**Grimm** viveu no Rio de Janeiro de 1878 até pouco antes de sua morte em Palermo (Itália) em 1887. Embora mais conhecido no Brasil que em sua terra natal um grupo de aficionados na Alemanha no final do ano 2006 conseguiu reunir 160 obras de seu acervo em uma exposição no Museu Homfmüle da Baviera<sup>2</sup>. Constam desta exposição obras realizadas ao ar livre no Brasil e em suas viagens pela Europa, Paquistão, Tunísia, Espanha e Portugal. Em sua época ele já era um **artista global**.<sup>3</sup>

**Domingos Garcia y Vasques(1859-1912)**, segundo Thomas Driendl era um dos melhores alunos do grupo, suas paisagens destacavam-se nas exposições da Academia. Após a dissolução do grupo viajou para a Europa para aprimorar seus estudos



Rio visto de Santa Teresa - ost - Garcia Y Vasquez

**Joaquim José da França Júnior(1838-1890)**, embora fizesse parte do grupo seu perfil era bem diferente dos demais, era simples amante da pintura, tinha um rendoso emprego e um grande renome como escritor e jornalista, cultivava a arte como simples distração.

**Francisco Ribeiro**, trabalhava sem cessar, era de pobreza extrema, que lhe privava inclusive de material, durante muitos anos apenas desenhava por lhe faltar verba para as tintas. Desta maneira tornou-se um hábil desenhista e só começou a pintar muito mais tarde. Não há notícia de onde se encontrem estes desenhos hoje.

<sup>1</sup> PARREIRAS, Antonio. **História de um Pintor contada por ele mesmo**. Niterói 1999 pg.21 -

<sup>2</sup> DW-World.DE - Deutche Welle

<sup>3</sup> DW-World.DE - Deutche Welle

**Hipólito Boaventura Caron** (1862-1892), descrito por Parreiras como um conjunto perfeito (homem e artista), sua personalidade cativante combinava com suas obras de extrema beleza e técnica de execução. Foi para a Europa onde ficou estudando e excursionando por alguns anos. Sua individualidade logo aflorou, seus quadros não eram confundidos com de nenhum outro. Sua carreira brilhante foi interrompida pela morte de Febre Amarela .



Poço Rico – ost 33x41cm – Hipólito B. Caron

**Estevão Silva** (1844-1894) – Convive com o grupo em suas atividades ao ar livre, embora sem romper seus laços com a AIBA . Foi um exímio pintor de naturezas mortas e retratos, diz-se que foi primeiro pintor negro de destaque formado pela Academia. *“...As frutas, as porcelanas, os pássaros, os animais, os metais pintados por Estevão podem ser assinados por qualquer mestre nesse gênero de pintura , quer aqui , quer no estrangeiro..”*<sup>1</sup>

**Thomas Drendl (1846- 1916 )**, Como Grimm, oriundo da Alemanha veio para o Brasil em 1879 onde permaneceu até sua morte no Rio de Janeiro. Viajou por vários estados do sul e substituiu Grimm eventualmente nas aulas ao ar livre. Toda sua formação artística foi realizada na Academia de Belas Artes em Munich.

**Giovanni Battista Castagneto (1851-1900)**, Muito se tem a dizer sobre este pintor que foi o expoente máximo da pintura de marinhas no Brasil, sua personalidade, curta vida e extensa obra são farto material para nos debruçarmos sobre um momento da **pintura ao ar livre** em nosso país. Vamos então tentar sintetizar:

Nascido em Gênova de origem muito pobre, chegou ao Brasil com o pai em 1874. Antes de Grimm havia sido aluno de Vitor Meirelles e Zeferino da Costa, sua participação no grupo é bastante controversa. Por ser o artista de temperamento bastante impulsivo e sem traquejo social, é possível que tenha havido atritos fortes decorrentes das personalidades independentes do professor e do aluno. Com a saída de Grimm da Academia, juntamente com outros pintores<sup>2</sup> prefere seguir sua orientação a uma distância prudente<sup>1</sup> . Torna-se professor de desenho elementar do Curso Profissional do Liceu de Artes e Ofícios sob a supervisão de Vitor Meirelles.

Importante notar que existe uma identidade única em seus trabalhos sobressaindo um gestualismo e uma carga emocional que de nenhuma maneira foram características da pintura naquela época. Para alguns quadros realiza estudos ligeiros que muitas vezes superam em espontaneidade as obras acabadas, seus personagens, embarcações de pesca e canoas simples apresentadas em suas telas e tábuas têm uma imponência e dignidade incomuns.



Ilha de Paquetá. Praia de São Roque, osm 1898 - CASTAGNETO



Chalupa na praia de Paquetá, osm 1898 - CASTAGNETO

Durante sua carreira extremamente ativa elabora obras que demonstram a perseverança em **estudar a natureza** e as mutações típicas da paisagem marítima, desloca-se para Niterói registrando aspectos do ancoradouro e estaleiros da ilha de Mocangüê e Angra dos Reis, faz repetidas composições da reforma da Igreja de Santa Luzia dando início ao progressivo e veloz desenvolvimento de uma pintura inconfundível pela audácia, autenticidade e relevante independência. Sua afinidade com o mar e a água é traduzida em todo conjunto de sua obra, mesmo quando é convidado a fazer uma série de pinturas em São Paulo, encontra sua expressão nos rios e paisagens ribeirinhas.



Paisagem com rio e barco ao seco em São Paulo - Ponte Grande osm 33x55cm -

Castagneto 1895

Antonio Diogo da Silva Parreiras( 1860-1937) – Seu nome pode está associado ao sucesso da pintura de paisagem no Brasil.

Com um perfil um pouco diferente dos outros alunos de Grimm, Parreiras foi educado em uma família sólida e abastada, filho de um famoso ourives, embora sempre tenha manifestado seu talento para as artes, só iniciou seus estudos de pintura aos 23 anos quando se inscreveu no curso de paisagem na Academia. Era a época em que Grimm começava a lecionar. Foi o seu aluno mais disciplinado e fica com o Grupo até sua dispersão final. Nesta época sua situação financeira já não era tão favorável pois já havia perdido seu pai e já tentara se engajar em outras profissões.

O mais importante na arte, acreditava, era a característica individual transmitida por cada artista à sua obra, o que aconteceria através da **interpretação pessoal da realidade**



Cataratas do Iguaçu óleo s/tela, ass.1919 - 49,5 x 63 cm. Antonio Parreiras

Autoconfiante, para afirmar-se diante do cenário artístico brasileiro embarcou para a Europa, demorando-se por prolongadas estadias em Paris. Embora tenha pintado nus femininos, o grande volume de pinturas de figuras vem da pintura histórica de grandes dimensões, cuja demanda cresceu em volume no Brasil após a consolidação da República. Neste recorte, as elites locais encomendam obras que tecem narrativas oficiais produtoras de sentido povoando a história oficial com signos do novo *status quo*. Atendendo a esta encomenda promissora, Parreiras realizou, desde 1908 até 1937, cerca de 22 quadros históricos de grandes dimensões, conectando paisagem e figuras humanas.

Parreiras foi um artista de enorme talento. Sua audácia fez com que seus trabalhos espelhassem sua natureza impulsiva. Teve suas pinturas expostas no Brasil e em diversos países da Europa. Foi um dos poucos artistas nacionais que viveu de sua arte. Dividiu seu trabalho em encomendas de pinturas históricas e nus que lhes proporcionaram estabilidade financeira e a pintura de paisagem onde sua expressão individual realmente se revelava<sup>1</sup>.

1

A partir de um determinado momento, Parreiras elimina totalmente o elemento humano de suas paisagens revelando uma comunhão integral com a Natureza.



ÁRVORES – ÓLEO SOBRE CARTÃO 1937 – 20X26CM – Antonio Parreiras

### Escola de Ar Livre

Em 1889 Antonio Parreiras assumiu interinamente a cadeira de paisagem na Academia que continuava “Imperial” em plena República, o que representou uma vitória para o antigo grupo de pintores ao ar livre, infelizmente a alegria foi breve pois ao apagar da luzes daquele ano a Academia foi reformada aos moldes do Projeto de **Bernardelli-Amoedo**<sup>1</sup> e a cadeira de paisagem, originariamente de paisagem histórica transformada por Grimm em **Estudos ao Ar livre** foi extinta. Parreiras então coerente com sua formação voltou a levantar a bandeira do “plein air” reagindo contra o desinteresse do ensino oficial pela nossa paisagem e criando com sede em sua própria residência em São Domingos a “Escola ao Ar Livre” . Parreiras lutou bravamente pela restauração no ensino de paisagem, dos métodos de Grimm **“Atelier de paisagista é no campo”** - dizia ele repetindo o professor- e o próprio dava o exemplo pintando ao ar livre.

Temos a partir desta época, não somente no Rio de Janeiro, como também em São Paulo e alguns estados do Nordeste do Brasil, vários pintores que desenvolvem seu trabalhos a partir do Natural, começam a aparecer nas telas o cotidiano do povo em seu ambiente, paisagens exuberantes e cheias de luz, retratadas com as pinceladas vigorosas ou suaves dos pintores de ar livre, podemos citar alguns dos vários nomes que se destacaram por exemplo:

Gustavo Dallara, Eliseu Visconti, Georgina de Albuquerque, Lucílio de Albuquerque, Marie Nivouliès de Pierrefort, Batista da Costa, Arthur Timóteo da costa, Almeida Júnior entre outros não menos importantes.

Arthur Timóteo da Costa paisagem-osc 32x41cm



Marie Nivouliès de Pierrefort- Barcos no cais ost 77x84cm



Armando Viana Batucada



Georgina de Albuquerque- feira ost ?

## Pintura ao Ar Livre e Arte Moderna

A prática da pintura ao ar livre proporcionou uma ruptura com a estética vigente na arte, a tentativa de capturar a fugacidade de uma cena acabaria por determinar o uso de pinceladas rápidas e expressivas, cores vivas com o artista voltando-se para o caminho do experimentalismo que viria a caracterizar a arte moderna. As pesquisas plásticas feitas em campo tornam-se referências para esta nova estética que registra a experiência contemporânea no plano bidimensional da tela.

Grupos livres de pintura formavam-se no Rio e São Paulo, movidos pelo desejo de compartilhar idéias ou por rebeldia promovendo o rompimento com a escola formal. No Rio temos o **Núcleo Bernadelli**<sup>1</sup> formado por **Malagoli, Bráulio Poiava, Bruno Lechowski, Bustamante Sá, Edson Motta, Eugênio Sigaud, Expedito Camargo Freire, João José Rescala, Joaquim Tenreiro, José Gomez Correia, Manoel Santiago, Pancetti, Takaoka, Milton Dacosta e Quirino Campofiorito**, em São Paulo o **Grupo Guanabara** formado principalmente por artistas japoneses ou descendentes como Manabu Mabe "liderados" por Tikashi **Fukushima** e uns poucos estrangeiros como por exemplo **Arcângelo Ianelli**.

Cabe aqui mencionar também a grande importância para a Pintura Brasileira do **Grupo Santa Helena** (formado em 1933) que tem como característica, ao lado da pintura ao ar livre de paisagens urbanas e suburbanas de São Paulo a liberdade de pesquisa do espaço plástico, da cor e da forma. Este grupo era formado por operários em sua maioria descendentes de italianos dentre os quais podemos citar: **Volpi, Rebolo, Bonadei, Takaoca, Pennacchi, Mario Zanini e Clóvis Graciano**



Volpi - Mogi das Cruzes, 1939 Óleo s/ tela, 54,0 x 81,4 cm



Volpi - Casas de Itanhaém, 1948 Têmpera s/ tela, 65,2 x 81,5 cm



Volpi - Casas na Praia (Itanhaém), 1952 Têmpera s/ tela, 46,1 x 64,8 cm



Volpi Casas, c. 1955 Têmpera s/ tela, 115,5 x 73,0 cm



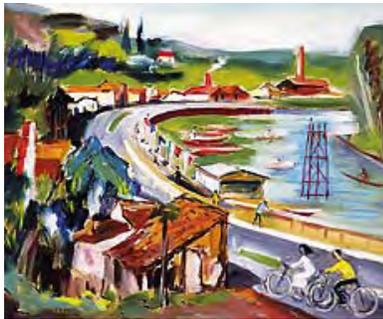
Volpi -Bandeirinhas, 1968 Têmpera s/ tela, 44,5 x 22,1 cm



Pancetti- Ilha de Mocanguê (1933) ost 47x59cm



Pancetti – Marinha (1957) ost 43x54cm



Regata no Tietê (1965): Mario Zanini (bucólico e ao ar livre)



Casario 1967 Mario Zanini Ost 50x70cm



Paisagem do Jabaquara - Manabu Mabe, 1963

Paisagem do Jabaquara



Salto do Avanhandava Manabu Mabe -ost 38x46 1956



Manabu Mabe - Sem título ost -1960

Em Belo Horizonte temos a fundação da Escola Parque Guinard (1943), onde o mestre enfatiza o estudo do desenho e da pintura do natural, tornando-se mais tarde o responsável pela difusão do pensamento modernista em Minas Gerais.



Alunos e mestre da Escola Parque Guinard



Paisagem urbana de Belo Horizonte – 1950 ost –Guinard

### As Gincanas de Pintura

Nos dias de hoje, um dos fatores determinantes para o estímulo e continuidade da pintura ao ar livre no Rio de Janeiro e em alguns outros estados são as Gincanas ou Encontros de Pintura, patrocinados por Instituições Cívicas e Militares quando artistas profissionais e amadores são reunidos para pintar geralmente nos arredores destas Instituições que agraciam os vencedores com prêmios aquisitivos preservando desta maneira, os nomes e as obras dos pintores. O tempo é determinado para início e término da obra, causando uma tensão positiva de superação e competitividade entre os artistas concorrentes e ao prazer de pintar ao ar livre é adicionada a necessidade de capturar o mais rápido possível, cada um em seu estilo, o tema e a composição escolhida.

Nomes como Aluizio Valle, Geraldo Castro, Paragó, Jesus, Tolentino, Virgílio Dias, Cecconi entre muitos outros foram facilmente encontrados em gincanas. Tais iniciativas infelizmente vêm rareando ultimamente mas sem dúvida ainda exercem uma grande influência na atividade de Pintura ao ar Livre e servem de estímulo a muitos pintores que aproveitam estes momentos para compartilhar experiências vivenciando a arte. Outro fato a se lamentar é a ausência quase total de registro e imagens destes eventos que ficam em sua maioria apenas no acervo fotográfico dos artistas, uma vez que as obras vencedoras passam a fazer parte da coleção das Instituições.

Ponta d'Areia- Aluizio Valle Óleo s/ tela - 24 x 40 cm



Geraldo Castro barcos ost 54x65cm



## Pintura ao ar Livre nos dias de hoje

No mundo atual grupos de "Plein Air Painting" estão em ascensão e espalham-se por toda parte, organizados em instituições que promovem a prática da pintura ao ar livre durante todo o ano desafiando as mais inclementes variações climáticas e com isto indústria vem criando e adaptando materias que facilitam cada vez mais a logística da pintura de campo.



Michael Chesley Johnson Pintando ao ar livre em pleno inverno canadense- dezembro/2007

[www.MichaelChesleyJohnson.com](http://www.MichaelChesleyJohnson.com).

No Brasil alguns grupos já se formaram desde então e continuam existindo como o Grupo de Pintura ao Ar Livre no Rio de Janeiro, grupos anônimos como também pintores solitários que de vez em quando encontramos nas esquinas da cidade com suas telas e cavaletes registrando como em crônicas visuais as transformações na vida de seus habitantes e arredores.



Foto de 1990 Grupo de Pintura ao ar Livre

Em pé: Wilton Moura, Haydê Morani, Ney Tecídio, Nelson Mathias, Eduardo Carlson, ?, ?, J. Longuiño, Amândio Gonçalves, ?, e Edgar Walter. Abaixados (depois do menino): ?, Sansão Pereira, Oscar Tecídio, Alberto Nunes, Onild'Aquino, Igue, ?, ?, ?, ?



[Grupo de Pintura ao ar Livre do Rio de Janeiro\\_2004](#)

Letícia, Chung, Neusa, Berenice, Neiide, Ruy, Vera Ana, Toledano, Sandra Nunes, João Barcelos, Enerino, Eriberto, Ena

Referências Bibliográficas:

Parreiras, Antônio, - História de um pintor contada por ele mesmo

Niterói,RJ - Niterói Livros 1999

Tinterow, Gary- Corot

Metropolitan Museum of Art, New York 1996

Ingo F., Walther – Impressionism

Taschen, Italy 2000

Gomez, Mandi - Essential Constable

Parragon, UK,2001

[www.dw-world.de](http://www.dw-world.de)

[www.itaucultural.com.br](http://www.itaucultural.com.br)

[www.mac.usp.br](http://www.mac.usp.br)

[www.cultura.mg.br](http://www.cultura.mg.br)

[www.bolsadearte.com](http://www.bolsadearte.com)